

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

LAWRENBURG ADVÍNCULA DA SILVA¹



RESUMO

O presente artigo relata uma experiência de ensino com uma turma de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que resultou na produção de um produto laboratorial junto à comunidade da cidade de Alto Araguaia², localizada ao sudeste do estado. O objetivo é empreender mais um ponto de reflexão pedagógica acerca do lugar da formação acadêmico-profissional em Jornalismo na realidade social que a circunscreve, vide às prosaicas dicotomias engendradas e ainda não superadas, entre teoria e prática, reflexão e ação, conhecimento e ação; sem mencionar ao diacrônico descompasso entre o aprendido e a prática em jornalismo com as novas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo impresso. Ensino. Comunicação. Jornalismo. Produção laboratorial.

¹ Publicitário, designer gráfico e Assessor de Comunicação. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos de Cultura Contemporânea e Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenador-geral da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade. Membro do grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade e da Rede Folkcom. Editor da revista Ave-palavra e parecerista do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. E-mail: lawrenberg@gmail.com.

² Alto Araguaia possui atualmente 15.670 habitantes, de acordo com o senso realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico) em 2010. O município inicialmente chamava-se Santa Rita do Araguaia, denominação em referência à santa de devoção e ao Rio Araguaia, que margeia a sede municipal e ao mesmo tempo serve de marco divisório com o vizinho estado de Goiás, onde também existia uma povoação com o mesmo nome. Uma goiana, na margem direita, e outra mato-grossense, na margem esquerda. Formavam como que uma só unidade física (fonte: site da prefeitura municipal de Alto Araguaia, www.altoaraguaia.mt.gov.br).

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

1 DELINEAMENTOS INICIAIS

A experiência de ensino aqui relatada pretende tratar simultaneamente de questões práticas e epistêmicas, que muitas vezes são debatidas de maneira dissociada, senão endógena por parte de seus atores envolvidos, e sem a devida importância que o tema implica, ao preterirem a dimensão pedagógica nos processos de constituição do campo profissional enquanto formatadora de conhecimento.

Trata-se, portanto, de um desafio pedagógico assumido por mim a partir do segundo semestre do ano de 2010, em meio às dificuldades (técnicas, operacionais, financeiras) enfrentadas no exercício da docência numa pequena cidade do interior de Mato Grosso e no sentido de promover uma consciência crítica e reflexiva entre os alunos do sexto semestre de Jornalismo sobre a produção jornalística e seus dilemas contemporâneos, tais como: o fortalecimento do senso democrático local e global, isto é, “glocal” – termo esse inicialmente introduzido pelo sociólogo Roland Robertson e que remete tanto o local quanto o global – e a garantia do interesse público versus os interesses unilaterais das classes dirigentes, geralmente visualizados na forma como lideranças políticas e megaempreendimentos privados apropriam e transcodificam seus objetivos na imprensa hegemônica, vide as organizações Globo, controlada pela família Marinho.

Nessa conjuntura, caracterizada por interesses organizados pela oligopolização dos veículos de comunicação do Brasil por uma minoria de famílias influentes³, de forte viés mercantilista e, homólogos aos intentos de dominação e opressão secularmente praticados pelos regimes autocráticos e ditatoriais, a práxis jornalística é minada em seu propósito de informar ao cidadão “sobre aquilo que ele tem o direito de saber e conhecer.” (BUCCI, 2009, p. 19). A imprensa torna-se meramente elitista ao se processar em prol das camadas sociais privilegiadas. E de acordo com o professor José Marques de Melo (2009, p. 52), em sua obra ‘Jornalismo, forma e conteúdo’, isto assinala um:

³ Sobre as principais as famílias que controlam a mídia no Brasil, ver mais informações no site donos da mídia: www.donosdamidia.com.br.

Jornalismo dirigido aos bolsões privilegiados da sociedade, ou seja, aos cidadãos bem pensantes e bem nutridos, situados nos patamares superiores da pirâmide social. Pela temática, linguagem e estilo, exclui automaticamente os contingentes destituídos de capacidade aquisitiva, apetência informativa e competência cognitiva.

Melo (2009, p. 90) ainda ressalta que, para resolver essa agenda fechada e hegemônica dos meios de comunicação e a mensagem, “tudo depende do seu uso pelos cidadãos. E, quanto mais bem educados eles forem, mais elevados serão os padrões de codificação de mensagens.” Por outro lado, a jornalista Márcia Amaral (2006, p. 55) afirma que “o jornalismo tem um discurso baseado no compromisso com o interesse público.” O que amplia nossa análise e dimensiona a noção de cidadania no campo jornalístico, excepcionalmente em se tratando de sua aproximação com as camadas mais populares. Ciente disso,

Os jornais auto-intitulados populares baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados; o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao externo. O enfoque sobre grandes temas recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal. O público leitor, distantes das esferas de poder, prefere ver sua cotidianidade impressa no jornal, e a informação é sinônimo de sensação e da versão diferente realidades individuais em forma de espetáculo. (AMARAL, 2006, p. 57).

Partindo desses pressupostos, que contrariam ao *modus operandi* da imprensa de padrão capitalista, o processo educativo, até o momento tratado aqui, vislumbra-se dentro de uma formação ética-político do profissional que, sob um viés libertador – senão emancipador –, atua na defesa do interesse público. Mas, cabe lembrar, trata-se apenas de um entre muitos pontos nodais que abrangem a formação no ensino de Jornalismo. Para tanto, debater-se-á: o status atual do ensino na sua relação com o avanço da informática, e as implicações desse status na realidade do ensino em Jornalismo entre as universidades públicas.

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

2 DO PROCESSO EDUCATIVO NA CONTEMPORANEIDADE À REALIDADE DO ENSINO EM JORNALISMO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Ao se discutir educação nos dias atuais torna-se imprescindível não falar do crescimento acelerado das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e, mais especificamente, da importância da internet em si. Tendo como mote teórico os estudos sobre *Cibercultura* e educação do filósofo francês Pierre Lévy (1999), enxerga-se uma relação mais autônoma e coletiva de ensino-aprendizagem a ser pautada no modo em que alunos e professores se apropriam das novas tecnologias.

Há um favorecimento simultâneo das aprendizagens personalizadas e da aprendizagem coletiva em rede. “Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se “um animador da *inteligência coletiva* de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos.” (LÉVY, 1999, p. 158). Quando se alude inteligência coletiva, fazendo um preâmbulo, Pierre Lévy (1999, p. 167) trata da “utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais.”

Sob a égide das novas tecnologias, tanto professores quanto alunos compartilham as informações e experiências que possuem, privilegiando uma aprendizagem colaborativa. Há uma troca de informações constante, onde o educador, na forma de um gestor da aprendizagem, incentiva, orienta e acompanha o desenvolvimento do educando durante o processo educativo mediado pelas ferramentas tecnológicas. Assim como, constata-se uma inevitável revisão da noção socioespacial e convencional da atividade pedagógica, que se inicia a partir do uso de interfaces de conversação e transmissão de vídeo-imagens simultâneas, e, de forma macro, impõe uma reconfiguração profunda nas matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo, que reelabora o modo de pensar o profissional jornalista no ambiente de trabalho contemporâneo, principalmente no que tange a relação entre fato e notícia, entre o acontecido e o noticiado (SODRÉ, 2009).

A tecnologia de banda larga, por exemplo, potencializou a notícia, ao dispô-la em forma de hipertextos e de emissões interativas entre todos os mecanismos difusores – rádio, TV, jornal, revista etc. Acrescenta-se a análise também a superabundância de celulares e *smartphones* que, devido à multifuncionalidade ofertada – isto é, à sua multimídiaidade –, começaram a realizar a tarefa de câmeras filmadoras e fotográficas, gravadores, enfim; de todo um aparato tecnológico geralmente operacionalizado por uma diversificada equipe de profissionais. E, provavelmente bem por isso, hoje as coberturas noticiosas deparam com uma multiplicidade de fontes, de canais e de critérios de noticiabilidade diversos.

Entretanto, nem sempre todos os cursos de Jornalismo dispuseram e ainda dispõem de todas essas benesses tecnológicas e inovações que as atualizem do ponto de vista pedagógico às novas tendências preconizadas pela Cibercultura e a chamada sociedade da informação. Ora por razões econômicas da universidade ora por razões culturais (resistência cultural) dos alunos, professores e gestores da educação da própria instituição.

E, sob essa ótica, analisar o ensino em Jornalismo, principalmente o ofertado nas instituições públicas e situado nas regiões consideradas ‘periféricas’ no mapa do ensino superior⁴ em Comunicação no Brasil, o que condiz com os casos explicitados neste capítulo, exige uma atenção maior às ações pedagógicas criativas, que cada vez mais desafiam as precariedades impostas pela modernização cada vez mais disjuntiva e excludente. Trata-se, trazendo aqui o conceito de modo tático do filósofo francês Michel De Certeau (1994), de uma astúcia desenvolvida sob a finalidade de driblar e superar uma condição adversa instituída, e, em muitos lugares, institucionalizada.

Na experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, este modo tático de desenvolver ações pedagógicas, só que em disciplinas de cunho prático e laboratorial, coaduna com a compreensão de uma formação humanista, onde o conhecimento acerca da realidade sobressaia ao conhecimento técnico e operacional, de viés mercadológico, tecnocultural, reprodutivista e utilitarista. Isso porque da ausência de equipamentos

⁴ De acordo com dados do Ministério da Educação, há uma grande concentração da rede de ensino de comunicação na região sudeste e sul do Brasil, que totalizam respectivamente 61 e 19%.

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

tecnológicos e de laboratórios informatizados com computadores de primeira geração e com boa conexão de Internet, em vez de se prospectar uma paralisia no processo educativo, propicia-se entre os alunos de Jornalismo um senso de proatividade, em certa medida, visionário, que se faz alicerçada em valores mais humanos e cidadãos, e não condicionada ao ferramental disponível – e em constante obsolescência.

3 SOBRE O CURSO DE JORNALISMO DE ALTO ARAGUAIA E A SUA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

O curso de Jornalismo da UNEMAT teve sua criação no ano de 2005⁵, pela Resolução nº 013/2005 do CONSUNI (Conselho Universitário)⁶, com a oferta de 40 vagas semestrais e com o seu início a partir do primeiro semestre de 2006. E o seu reconhecimento deu-se somente no ano de 2010, de acordo com a portaria 015/10 – CEE/MT.

114 |

Com uma carga horária total de 3.090 horas e duração de oito semestres, assim distribuídas em: 1.020 horas de conteúdos básicos, também denominados de tronco comum, 1.920 horas de conteúdos específicos (saberes técnicos e práticos) e 150 horas de atividades complementares; o curso, que sempre funcionou no período noturno no sentido de atender as demandas de profissionais de Alto Araguaia e região (Alto Taquari, Alto Garças e Santa Rita do Araguaia, no estado de Goiás), já formou seis turmas de Jornalismo, obtendo nota 3 no último Exame Nacional do Ensino (ENADE).

A função do curso de Jornalismo é formar profissionais habilitados teórica e metodologicamente para compreender as implicações de sua prática, reconstruí-la, efetivá-la e recriá-la no jogo de forças sociais presente

⁵ Separei um trecho do artigo do jornalista Wedencley Alves, publicado no site Observatório de Imprensa em 28 de novembro de 2005, em sua edição 357 ([www.observatoriodaimprensa](http://www.observatoriodaimprensa.com.br)), que trata das expectativas geradas em torno da criação do curso de Jornalismo da Unemat. Isto, há um ano antes do início das aulas: “Não sabemos ao certo se esse grande potencial do campo jornalístico é que fundamentou tão boa procura. O vestibular para Comunicação do campus de Alto Araguaia atraiu mais que a soma dos cursos lá existentes. Talvez os meninos, quase crianças, não saibam o mundo novo que os espera. Talvez eles ainda pensem nas estrelas do jornalismo como seus guias, referências e modelos. Talvez sonhem (e devem sonhar sempre) com o lugar do William Bonner. Nada mal. Mas eles chegam em boa hora. Se os anos 90 foram promissores devido às novas tecnologias de comunicação, o novo século fez do jornalismo o produto mais atraente da mídia.”

⁶ Fonte: Conselho de Estadual de Educação de Mato Grosso.

(IAMAMOTO, 1992, p. 163). E em Alto Araguaia o curso de Jornalismo procura integrar dialeticamente as condições e demandas reais com as potenciais e ideais, opondo-se ao modelo estritamente tecnicista dos cursos ofertados pelas particulares, ao salientar a formação de um perfil de profissional que compreenda a dimensão técnica, política e social da sua prática, mas também de pensar epistemologicamente o campo jornalístico enquanto área inter e transdisciplinar de saber.

Todavia, não muito diferente de outros cursos de graduação em Comunicação localizadas em regiões semi-rurais do Brasil, foi instalado numa modesta infraestrutura de campus universitário, onde antigamente funcionava um colégio salesiano: o Padre Carletti⁷. A maioria das salas improvisadas e a escassez de equipamentos e laboratórios estruturados para a realização mínima de atividades laboratoriais, além de refletir o estado de precarização sofrida pela maioria das universidades públicas do país, tornam morosas e pouco efetivas as relações de ensino e aprendizagem desenvolvidas nas disciplinas mais técnicas, sob a finalidade de atenderem as demandas curriculares do curso, e, no fim, ampliam o hiato existente entre a formação acadêmico-profissional do curso e a realidade mercadológica.

Por outro lado, a precarização física dos espaços educativos demanda ações inventivas na prática de ensino, que, além de minimizarem as dificuldades técnicas e operacionais, apontam para alternativas pedagógicas que só vem reforçar/demonstrar a singularidade do ensino de Jornalismo da instituição. Alternativas pedagógicas que dialogam com a Comunicação rural, comunitária e popular, atreladas a uma formação mais flexível e condizente com a realidade vivida.

Ao tratar de uma formação mais flexível, indica-se: "o acréscimo de conteúdos diversificados e plurais nas estruturas curriculares, excluindo a ideia de linearidade de conteúdos estanques e sem articulação." (OLIVEIRA apud MOREIRA; VIEIRA, 2010, p. 57-58). De acordo com o projeto pedagógico do

⁷ Conforme dados junto a prefeitura municipal de Alto Araguaia, o colégio Padre Carletti funcionava desde de 1951 em regime convencional e de internato, fechando somente no ano de 1989. Em 1991, a prefeitura cedeu o prédio para a Universidade do Estado de Mato Grosso para a criação do campus universitário que, atualmente, após 11 anos, oferta três cursos: Letras, Computação e Comunicação. (<http://altoaraguaia.mt.gov.br/historia/>). Acessado em 15 de maio de 2012.

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

curso de Comunicação social (2002, p. 10), a formação flexível aplicada ao ensino universitário “contribui para substituir a estrutura de currículos rígidos e lineares, de pirâmides estruturadas em níveis e organizadas pela noção de pré-requisitos, por espaços de conhecimentos emergentes, abertos contínuos em fluxo.”

Esta formação flexível permite “ainda estruturar um currículo mais diversificado e aberto à pluralidade cultural e profissional de cada realidade local/regional.” (2002, p. 10). O que infere pensar em conteúdos e metodologias de ensino mais aplicados ao contexto cotidiano local, numa dinâmica de produção de conhecimento que restabelece o papel da comunidade local enquanto campo de incursão da universidade, e da universidade na condição de desenvolvimentista e responsável pelo progresso humano (cultural e social) da região.

116 |

4 SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO CURSO DE JORNALISMO DE ALTO ARAGUAIA

A experiência de ensino no curso de Jornalismo da UNEMAT lidou com um grupo de 22 alunos, em sua maioria, oriundos de famílias de classe média baixa. Foi desencadeada em um fluxo de mão-dupla, isto é, dialógico, ao se estabelecer, *a priori*, uma interação entre aluno e professor de forma engajada, horizontalizada e simétrica, e privilegiar um aprendizado adquirido através da vivência grupal e da prática da cooperação.

Desde as primeiras reuniões em sala de aula da disciplina, houve uma preocupação em propiciar as condições pedagógicas mais favoráveis para que os alunos pudessem problematizar e levantar questionamentos sobre o processo em si de produção do jornal-laboratório e de sua relação tencionada entre o campo epistêmico, profissional e social, dentro de uma perspectiva mais democrática e de engajamento via cooperação. Para isso – e *a priori* –, realizaram-se: discussões em roda com todos os alunos do sexto semestre de Jornalismo, ora na sala de aula ora fora dela; indicação de uma breve revisão de literatura, mas condizente com a matriz curricular da disciplina e os objetivos traçados pelo projeto experimental, além da produção de relatórios.

As discussões estiveram pautadas no jornalismo impresso, na imprensa de orientação mais democrática, sociedade contemporânea, jornal-laboratório. Elas foram fundamentais para direcionar o olhar dos alunos de maneira mais contestadora ao posicionamento ocupado pela imprensa, em especial, pelos periódicos nacionais e locais, em relação ao espaço público contemporâneo e em movimento.

A leitura, balizada por artigos, capítulos e livros de autores clássicos do jornalismo impresso, do design gráfico, de ética na imprensa e globalização, constituiu a base teórica para a elaboração dos relatórios sobre a produção laboratorial do jornal. Ao todo, foram lidos e debatidos: dois artigos, três capítulos de livro e dois livros.

Da leitura buscava-se aplicar e testar os conhecimentos apreendidos, tal como, aprofundá-los através da gestão do produto experimental.

Ao término das leituras eram feitos relatórios que, além de trazer a resenha dos textos indicados para leitura, registravam as primeiras impressões dos alunos acerca do projeto experimental. A maioria dos relatórios dos alunos, que contabilizaram 21 – um aluno não respondeu ao relatório –, expunha temas ligados ao jornalismo regional, às coberturas noticiosas polêmicas, à conduta profissional e, principalmente, jornais impressos. E em todos os temas perscrutados havia uma relação direta ou indireta com o lugar ocupado pelo jornalismo em seu emergente diálogo com o capitalismo tardio e aos principais acontecimentos do mundo contemporâneo.

Provavelmente pelo fato dos alunos também cursarem a disciplina de Ética, muitos dos textos dos relatórios inclinaram-se para um norteamento ético-político da atuação jornalística, ao prescreverem de forma contundente uma imprensa livre e interdependente dos desígnios mercadológicos, políticos e religiosos, assim tão clarividentes nos textos de Bucci (2009) sobre a imprensa e o seu dever de liberdade. E, em menor incidência, esses textos sinalizaram para novas alternativas de atuação profissional, na maioria das vezes, contrárias à retórica da especialidade, do rigor estritamente tecnológico da prática e da competência iminentemente fordista, que ficaram historicamente enraizadas no mercado de trabalho da imprensa. O que, num primeiro momento, pareceu

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

satisfatório no que tange os objetivos de fomentar uma percepção menos tecnicista e mais humanista entre os alunos participantes.

Ao instigar uma postura mais proativa entre os alunos de Jornalismo, esta experiência de ensino e aprendizagem aproxima-se da pedagogia libertadora, que teve como principal divulgador Paulo Freire⁸. Nessa prática pedagógica, defende-se uma educação que promova a superação da consciência ingênua para uma crítica-construtivista, e subseqüentemente, a emancipação política, social e econômica dos envolvidos diante dos sistemas opressores.

Sobre essa pedagogia libertadora, Freire (2001, p. 38) afirmava:

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas.

118 |

Desde o início das atividades e das primeiras reuniões de planejamento, buscou eliminar, por pressuposto, toda relação de autoridade que inibisse qualquer senso de protagonismo crítico e reflexão por parte dos alunos. Muitas das aulas foram realizadas em ambientes mais descontraídos, até no sentido de romper com o espaço formal de ensino instituído pelas pedagogias tradicionais.

Pela adoção dessa abordagem, a mudança de ambientes de aprendizado resultou em um diálogo aberto, perpassado por relações mais informais e subtraídas do autoritarismo, além de incentivar uma melhor convivência entre os alunos. Da mesma forma, o *laissez-faire*, a desordem e a indisciplina, que geralmente nos sistemas neoliberais de governo são confundidos e deturpados pela ideia de libertinagem, apresentaram-se como um dos desafios dessa caminhada pedagógica, já que alguns alunos demonstraram resistência.

⁸ Paulo Reglus Neves Freire nasceu no Recife, em 19 de setembro de 1921 e morreu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997. Viveu sua infância e juventude entre Jaboatão e Recife (de 1921 a 1964). Concluiu o curso primário em Jaboatão. Prosseguindo os estudos, formou-se em Direito, mas logo descobriu ser outra sua vocação: pelos caminhos das Letras – sua primeira experiência em educação foi como professor de Português no Colégio Oswaldo Cruz, ainda no Recife (GADOTTI; FREIRE, 2001).

FIGURA 1 – ALUNOS DE JORNALISMO ACOMPANHANDO A IMPRESSÃO DE UM “BONECO” DO JORNAL NO LABORATÓRIO DE PLANEJAMENTO



Fonte: Assessoria da Unemat.

Notas: Nessa etapa, ainda na primeira semana de aula, a mudança de ambiente educacional instigou a todos os alunos a buscarem mais informações sobre os componentes gráficos da produção impressa, entre eles, o tipo de papel, o tamanho do papel, o tipo de impressão e depois o seu custo. Além do laboratório, também foi recomendado aos alunos visitas em jornais da região e gráficas. O objetivo dessa etapa era a aquisição de parâmetros mercadológicos.

À medida que o projeto desenrolava e o *feedback* dos alunos parecia premente, não somente o professor tornava-se o único responsável pela gestão do conhecimento, mas os alunos quando confrontavam gradativamente a sua experiência cultural com os conteúdos e modelos mediados pelo professor. Trata-se, assim, de uma relação professor-aluno de tendência progressista, mas também crítico-social dos conteúdos, em que “o grau de envolvimento na aprendizagem depende tanto da prontidão e disposição do aluno, quanto do professor e do contexto da sala de aula.” (LUCKESI, 1992, p. 72).

Ao adotar uma abordagem mais reflexiva dos conteúdos, objetivou-se transferir aos alunos um senso mais contestador sobre sua participação em âmbito institucional e social, a partir do momento que cada um dava voz na formatação do projeto experimental e de seu exercício profissional, ao aliar suas experiências pessoais e profissionais; e, desse modo, participando ativamente durante todo o processo.

Tanto alunos quanto professores, “mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social”. (LUCKESI, 1992, p. 64). O que sugere um modelo

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

pedagógico na qual “educador e educando posicionam como sujeitos do ato do conhecimento.” (Ibidem, p. 66).

Esta experiência de ensino no curso de Jornalismo da UNEMAT aponta para a figura de um professor que, além de mediar o conhecimento, insere-se no contexto social que o circunscreve, “acompanhando as mudanças para poder conhecer e analisar as questões políticas, econômicas, sociais e culturais que o cercam e que interferem na sua vida cotidiana.” (OLIVEIRA apud MOREIRA, VIEIRA, 2010, p. 53). Enquanto o aluno de Jornalismo apreende os conteúdos integrando-os com os saberes empíricos adquiridos, na medida em que ele se insere e aplica-os no contexto sócio-institucional, político, econômico, cultural e social do cotidiano de suas relações sociais através da produção laboratorial.

O projeto experimental constituiu uma atividade avaliativa da disciplina de Planejamento Gráfico II⁹ que, entre suas competências e habilidades e baseado nas obras Planejamento Visual Gráfico (2007) de Milton Ribeiro e Produção Gráfica (2012) de Antônio Celso Collaro, introduz o aluno ao universo da comunicação visual, mostrando:

conceitos básicos de utilização de letras, passando pelo uso técnico e psicológico da cor, a estética dos impressos, a forma de avaliar arquivos digitais para um resultado satisfatório, os tipos de impressos e a técnica de transformação de suportes com os vários sistemas de impressão.” (COLLARO, 2012, p. 18).

O jornal-laboratório impresso intitulado Jornaia, mescla de jornal com o acrônimo aia, que remete à palavra Araguaia, teve a sua execução durante o segundo semestre do ano de 2010 e envolveu os seguintes alunos: Alvarina Patrícia, Ariovaldo Patrocínio (o Ari), Áthila Alves, Diana Alves, Douglas Silva, Erivaldo Paes, Jocineide Batista, Konrad Felipe, Leydilane Araújo, Lidiane Gonçalves, Luiz Carlos, Madalena Cardoso, Maria Freitas, Maury Carneiro, Neilon Vilela, Rafaela Alves, Rodrigo Manzale, Robson Góis, Vatuzei Gioldi, Vandréia de Paula, Tatiana Cristina Rezende e Vicente Barreto.

⁹ Ementa da disciplina de Planejamento Gráfico II ofertada pelo curso de Jornalismo da Unemat: produção de páginas de jornais e revistas; programação visual em murais; programação visual de folders e folhetos; programação visual de formatos standards e menores; diagramação padrão e exercício de criatividade; tratamento de imagens; interrelação entre diagramação de material jornalístico e publicitário.

O projeto experimental formatou, mesmo que em determinados momentos em condições aquém do esperado para a praxe jornalística, a importância de se discutir a prática de ensino dialógica para uma compreensão mais abrangente do papel do jornalista enquanto formador de opinião e mediador do interesse público. Para depois, através do retorno social obtido junto à população de Alto Araguaia e região, delinear possíveis caminhos para o desempenho de um protagonismo social que impingisse novos regimes de agendamento social¹⁰, e que rompessem com os modelos de noticiabilidade já laicos e viciados, senão preconizados de valores mercantilistas.

No desenvolvimento do projeto pelos alunos de Jornalismo, que reitera a importância da pesquisa experimental nos cursos de graduação em Comunicação Social, é importante reiterar, buscou-se aproximar de uma realidade profissional que contradiga a uma visão hegemônica de modelos centro-sul e urbano de exercício profissional, caracterizada por uma formação que acaba se conformando às demandas vigentes no mercado. Assim que o projeto pedagógico do curso de Jornalismo de Alto Araguaia já fora criado sob a propositura de 'provocar' mudanças sociais em torno da realidade regional.

Segundo o professor Cipriano Carlos Luckesi (1992, p. 48), esta concepção de educação "serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de sociedade." Esta concepção pedagógica adotada rompe com o modelo tradicional de educação, denominada de educação bancária, e que visa tão-somente depositar conteúdos ao aluno. E o seu implemento, ao resultar na produção laboratorial de produtos jornalísticos de alto valor reflexivo no ensino e crítico da realidade social vigente, sugere:

1. Ampliar o debate acerca da atuação e do campo profissional do jornalismo em sala de aula, fomentando a fala do aluno;
2. Introduzir e verificar simultaneamente conteúdos do ponto de vista técnico e social, assim reforçando o conhecimento na efetividade do fazer jornalístico;

¹⁰ Conforme a teoria do agendamento social, a mídia age como uma agenda social ao determinar as pautas para a sociedade (McCOMBS; SHADOW apud TRAQUINA, 2000).

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

3. Inserir o aluno com uma consciência crítica diante dos fatos do seu cotidiano, possibilitando-o uma leitura mais abrangente do seu papel enquanto comunicador e mediador do interesse público e assim exercite a cidadania;
4. E estimular uma visão plural, multifacetada e questionadora entre os alunos sobre a intervenção profissional do jornalista na realidade social vigente.

5 O JORNAL IMPRESSO JORNAIA

“Um bom jornal é uma nação falando consigo mesma”: assim dizia o dramaturgo norte-americano Arthur Miller, num trecho que encontrei nas primeiras páginas do livro ‘A força dos jornais’ (2009), escrito pelos jornalistas Judith Brito e Ricardo Pedreira e impresso pela Associação Nacional dos Jornalistas, na cidade de Brasília. A citação surge de maneira pontual para ilustrar a importância que a imprensa escrita sempre despertou diante da opinião pública brasileira. E no caso específico do projeto experimental do jornal Jornaia, título esse definido em votação durante uma das reuniões em sala de aula, a análise reside ao fato dessa mídia ter uma boa aceitação na comunidade local e de uma produção e logística menos onerosa em relação às outras mídias, tais como rádio e televisão, isso após uma pesquisa mercadológica que abrangeu todos os alunos da disciplina de Planejamento Gráfico II.

Ciente de outras experiências de jornais laboratórios realizadas anteriormente no curso de Jornalismo, caracterizadas por coberturas mais voltadas para questões da comunidade acadêmica, o jornal Jornaia foi desenvolvido sob a incumbência de ser uma alternativa viável à sociedade araguaense, em relação aos periódicos de linha editorial tendenciosa que, há pelo menos uma década, faziam circular na região. Na maioria desses periódicos, feita uma breve leitura em sala de aula, foi se constatado uma cobertura noticiosa politqueira, bairrista, elitista. Entre eles, tiveram destaque cinco marcas de jornal: *A Gazeta*, *Notícia Agora*, *O popular*, *O imparcial* e *Folha do Araguaia*.

O produto laboratorial, não bastado somente do imperativo da técnica que subsidiou a sua execução, mas de olhares plurais acerca das implicações sociais e políticas da relação tencionada entre o campo profissional e as

práticas e metodologias de ensino, teve em sua concepção a proposta de um jornalismo regionalizado, que se caracterizasse pela atenção às necessidades e interesses da população local, ao potencializar as vozes ditas 'periféricas' e, simultaneamente, reiterar a função da informação na modelagem dos processos democráticos.

O produto em si, por ser um jornal-laboratório, abarca, entre suas finalidades, um engajamento aos movimentos sociais e às classes populares, de modo a politizar entre os alunos envolvidos os debates acerca da democratização da comunicação no Brasil¹¹ e da legitimidade dos segmentos da população, antes alijados pela mídia hegemônica.

Afinal, de acordo com o jornalista Dirceu Lopes (1989, p. 16):

não basta, no entanto, publicar um jornal apenas para satisfazer a vaidade pessoal do aluno ou cumprir uma tarefa do professor. É fundamental que um jornal-laboratório seja dirigido a uma determinada comunidade para ter um público definido e ser um veículo com todas as características de um jornal profissional. Uma publicação que leve a comunidade a tomar consciência dos seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma, o estudante de Jornalismo poderá ser realmente habilitado para o mercado de trabalho.

|123

O jornal laboratório Jornaia teve sua primeira circulação ao final do segundo semestre de 2010, com uma tiragem de mil exemplares e um total de doze páginas. O seu tamanho foi o tablóide¹², com 28x38 cm, por ser "mais flexível, econômico e mais prático que o standard."¹³ (COLLARO, 2012, p. 71). Enquanto o fato da impressão ser colorida e em papel sulfite de gramatura em 50 g/m², definiu-se na segunda reunião feita em sala de aula, logo após a discussão de um dos textos do livro 'Os jornais podem desaparecer?' (2007) do jornalista norte-americano Philip Meyer. Pois, a sua leitura implicaria entre os alunos uma visão mais aprofundada do veículo impresso enquanto empresa e da credibilidade e influência jornalística na condição de determinantes simbólicos e econômicos para o êxito do jornal impresso.

¹¹ Ver mais sobre o movimento da democratização na comunicação no Brasil no site: www.fndc.org.br.

¹² O tablóide geralmente tem medidas em torno do formato A3 (29,7x42 cm).

¹³ O *standard* tem como diferencial o formato. Mede geralmente 56x32 cm.

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

Do ponto de vista editorial, o jornal Jornaia organizou-se em seis editoriais: Meio Ambiente, Política, Saúde, Educação, Cultura e Esporte & Lazer. Além disso, tiveram a publicação de três artigos, que foram redigidos pelos alunos Ariovaldo Patrocínio de Miranda, Maria Aparecida Freitas, Vânia Cristina Neves, Vandréia de Paula (alunos do sexto semestre) e Cayron Henrique (aluno do oitavo semestre); uma reportagem perfil do aluno e cantor Rodrigo Manzale e o uso de infográfico em uma matéria do caderno Saúde.

As matérias foram pautadas somente depois de um denso estudo sócio-histórico da cidade de Alto Araguaia e região nos aspectos: socioeconômicos, humanos, culturais e naturais; e tendo como método investigativo de apuração o cruzamento de dados apurados nos órgãos oficiais da localidade (a prefeitura, a câmara, o fórum, a delegacia, o hospital municipal, as secretarias municipais, as escolas) e federais (IBGE, Portal Transparência, Receita Federal, Embrapa) com as obtidas junto à população.

Era necessário que os alunos, antes da realização das reportagens, obtivessem uma multiplicidade de informações nas mais diversificadas esferas da realidade cotidiana de Alto Araguaia, para que, assim, pudessem: exercitar olhares mais questionadores sobre as ações investidas e aplicar uma pluralização dos critérios de noticiabilidade, antes reduzidos pelas agendas midiáticas de orientação burguesa.

Para cada reportagem exigiu-se uma estratégia pedagógica diferente para a observação, a metodologia de apuração e pesquisa e a leitura dos textos, respeitando a experiência cultural de cada integrante do grupo de alunos. Mas todas elas visando assegurar uma postura menos ingênua e independente dos alunos em relação aos fatos reportados.

E na etapa da redação e diagramação das matérias, realizada em sistema de rodízio entre o laboratório de planejamento da universidade e a minha casa, e privilegiando a diagramação modular¹⁴ através do uso dos *softwares* de programação visual *Adobe In Design*¹⁵ e *Corel Draw X6*¹⁶, buscou-se diferenciar

¹⁴ Segundo Collaro (2012, p. 70), a diagramação modular consiste na distribuição horizontal e vertical das matérias no mesmo espaço. Trata-se de disposições contrastantes que ajudam a quebrar a monotonia da página.

¹⁵ O *Adobe In Design* é um programa de produção visual dotado de recursos de texto e de desenho e destinado para a confecção de periódicos.

a o *deadline* (tempo de fechamento do jornal) da práxis jornalística estabelecido tradicionalmente pelas redações dos impressos por uma mais flexível que privilegiava a boa qualidade dos textos e, sobretudo, o seu grau de reflexividade. Nesse aspecto, julga-se conveniente trazer para a fulcral reflexão a opinião de um importante jornalista do impresso, Ricardo Noblat (2010, p. 38), em sua obra 'A arte de fazer um jornal diário':

A pressa é a culpada, nas redações, pelo aniquilamento de muitas verdades, pela quantidade vergonhosa de pequenos e grandes erros que borram as páginas dos jornais e pela superficialidade de textos que desestimulam a reflexão. Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo. E não existe mais razão de jornal ser feito as pressas.


6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Desenvolver um jornal-laboratório não é somente colocar mais um produto jornalístico de acabamento semi-profissional nos murais da faculdade, mas propiciar, de maneira latente e pontual, um debate inédito e politizado acerca da formação jornalística nos aspectos teóricos, práticos, sociais, culturais, éticos e políticos. Trata-se, afinal, de um exercício de reflexão e de construção social a partir de uma relação dialógica entre professores e alunos que, no caso do curso de Jornalismo de Alto Araguaia, interior de Mato Grosso, foram fundamentais para superar a negligência estrutural e resultar na produção laboratorial do jornal impresso Jornaia, na disciplina de Planejamento Gráfico II.

Mais que formar uma demanda refém da retórica mercadológica do 'saber-fazer', a experiência relatada delineou um perfil de aluno engajado às problemáticas prementes de sua realidade, ciente que seu lugar profissional transcende as redações jornalísticas, as bancadas de telejornais e as mesas de assessoria de imprensa. E que, balizado pela pedagogia libertadora de Paulo Freire, elege a sala de aula como ponto de partida para o desempenho de um protagonismo mais cidadão, no tocante à atuação jornalística.

¹⁶ O *Corel Draw* é um programa de produção visual em vetores que é destinado para a confecção de peças gráficas (cartão de visita, folder, embalagens, cartazes etc.).

Uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso

Os resultados dessa experiência pedagógica em Alto Araguaia puderam ser notados, a curto prazo, na pluralidade editorial do jornal e de sua boa aceitação na comunidade acadêmica e externa, enquanto a longo prazo, resultou em uma premiação inédita na modalidade de Jornalismo Impresso no Prêmio Expocom do XIII Congresso de Ciências da Comunicação (INTERCOM) da região centro-oeste, realizado no ano de 2011 na cidade de Cuiabá. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Maria Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, Judith. **A força dos jornais**: os 30 anos da Associação Nacional dos jornais no processo de democratização brasileiro. Brasília: Associação Nacional dos Jornais, 2009.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Contexto, 2009.

CAMPOS, Fernanda et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP & A Editores, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica**: arte e técnica na direção de arte. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000b.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 23).

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no serviço social**. São Paulo: Cortez, 1992.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LOPES, Dirceu Fernando. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

McCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. A função do agendamento dos media. In: TRAQUINA, Nelson. **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

MELO, José Marques de. **Jornalismo, forma e conteúdo**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009.

MEYER, Philip **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria N° 203/2009, 12 de fevereiro de 2009).

MOREIRA, Sônia Virgínia; VIEIRA, João Pedro Dias (Orgs.). **Comunicação: ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ Editora, 2008.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento visual gráfico**. 10. ed. rev. atual. Brasília: LGE Editora, 2007.

SEGURA, Aílton José. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo da UNEMAT do campus Alto Araguaia**.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.